

## Exportação favorável, equilíbrio estatístico e política cambial

Atividades do Departamento de Café da S.R.B.

RAUL DIEDERICHSEN

O ano de 1956 correu, sob o ponto de vista da nossa exportação cafeeira, inteiramente favorável. Exportamos 16.008.094 sacas num valor de 1.028.000 dólares, o que permitiu sensível saldo na nossa balança comercial. Analisando as condições do mercado durante o ano passado, verificamos que o resultado satisfatório das nossas vendas foi a consequência das bases razoáveis em que tinha sido gradualmente recolocado o nosso preço-ouro, sobretudo pela política do Ministro Gudín em colaboração com a direção do Instituto Brasileiro do Café. Contrastavam esses preços com as bases atingidas depois da queda de 1953, provocando pela sua rápida elevação grande oposição de uma parte dos consumidores americanos.

A colheita de 1955/56 ultrapassou um volume a nossa expectativa e nós teríamos, já naquela ocasião, enfrentado dificuldades, se o terrível fenômeno da queda não se tivesse repetido novamente em 1955, precisamente nas regiões de maior produção, restabelecendo, assim, mais uma vez o equilíbrio estatístico, em verdade, exclusivamente à nossa custa.

Cumpre recordar que tinha o governo brasileiro na administração do ministro Gudín, procurado atingir esse equilíbrio

através de um acordo internacional, distribuindo assim equitativamente o ônus da sua execução entre todos os participantes.

Com a resolução do atual governo, de não realizar, desde logo, a reforma cambial, entrou a nossa política monetária, aos poucos, em período de maior estabilidade, contribuindo, assim, para reconquistar a confiança do consumidor estrangeiro, que tinha arado com grandes prejuízos no período de reajustamento dos preços-ouro.

A continuação do ciclo de prosperidade, principalmente nos Estados Unidos, foi outro fator que ajudou poderosamente a nossa exportação, bem como as estimativas exageradas de safras, feitas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. A não confirmação de ditas previsões, quanto ao volume da safra passada colombiana, assim como da colheita brasileira em curso, criou um diferencial de preços exagerado entre os cafés brasileiros e os milgés, que muito deve ter contribuído para o bom resultado da nossa exportação.

Acentuemos ainda o aumento das exportações de café pelos países europeus que atingiram aos níveis anteriores da guerra. Essas, em ligeira análise, as condições do mercado em 1956.

### PROBLEMAS PRINCIPAIS

Destaqueemos em seguida, perfunctoriamente, os problemas cafeeiros que mais prenderam nossa atenção.

Uma das principais atividades do Departamento de Café constituiu na elaboração do memorial de reivindicações mais instantes da lavoura, em cooperação com as outras entidades de classe, na parte relativa a cambio e café, encaminhado em Dezembro de 1955, ao presidente eleito da República, sr. Juscelino Kubitschek, pelo Conselho Superior das Classes Produtoras Paulistas. Defendemos, nessa ocasião os interesses da classe agrícola, notadamente da cafeicultura, através de conclusões já bastante conhecidas.

Dentro da linha de equilíbrio mantida pela Sociedade Rural em relação à reforma cambial, deixou esta entidade de apoiar a opinião extremada de uma liberação imediata e total, defendida com calor por alguns líderes rurais, para se situar na posição de moderação, que, a nosso ver, melhor consulta os interesses gerais da nossa economia e os da classe agrícola, pleiteando uma re-

forma gradativa, conforme tinha imaginado e projetado o ministro Whitaker. Por outro lado, encarecemos, sem descanço a necessidade de não nos fixarmos, na reforma cambial, como uma panacéia, que de pronto curasse todos os males da economia cafeeira. O atual sistema artificial da nossa moeda em relação de troca com outras moedas estrangeiras, constitui, sem dúvida alguma, forte entrave à expansão das nossas exportações desestimulando a produção. Mas não basta uma objetiva reforma. O problema da lavoura cafeeira é mais profundo e substancial, prendendo-se, sobretudo ao aumento da produtividade e melhoria da qualidade, em tipo e bebida. A Sociedade Rural Brasileira, já em 1953, lançou as bases racionais de um planejamento nesse sentido, com o apoio do governo do Estado. O Departamento de Café procurou, intensivamente, reanimar os meios da cafeicultura no interesse, que é hoje de sobrevivência, de produzir mais por unidade e melhor café.

*A produção e comércio de café no decorrer do ano de 1956 é o que focaliza o sr. Raul Diederichsen no trabalho que apresentamos aos nossos leitores. Comenta o autor com autoridade os principais eventos da economia cafeeira naquele ano, com o prestígio de sua condição de destacado cafeeiro e, ao tempo, diretor do Departamento de Café da Sociedade Rural Brasileira.*

A questão do acordo internacional dos países produtores, incluindo, se possível, os países consumidores, para regularização da oferta mundial de café, mereceu também especial atenção do Departamento de Café. Numerosas vezes mostramos a situação unilateral da defesa do mercado mundial de café realizada, só pelo Brasil, durante várias décadas.

Justificava-se essa atitude de sacrifício, a pesar tão só sobre nossos ombros, no período em que mantivemos o quase monopólio da produção, numa produção absorvente de cerca de 75% das exportações daquele produto. Hoje, produzimos menos de 50% do total mundial. Nada mais justo, portanto, que o ônus da defesa do mercado internacional do produto seja repartido entre as demais áreas de produção, sobretudo com a Colômbia. A queda de 1955, que incidiu sobre uma das maiores zonas de produção que é o Paraná, assegurou uma situação estatística favorável para 1956 e 1957, tornando adiável, mas não dispensável, o acordo. Advertiu o Departamento, mais de uma vez, da necessidade do governo continuar com os entendimentos tão auspiciosamente iniciados pelo Ministro Gudín e o I.B.C.

Também mereceu o nosso apoio a idéia contrária à liberação dos embarques de café, sem outras medidas de defesa que a acompanhassem. Sempre vimos na disciplinação da nossa oferta, através da regulamentação dos embarques, uma das melhores medidas da defesa do mercado, que ainda ultimamente está sendo adotada por vários países centro-americanos, além do regime vigente na Colômbia que, no fim visa o mesmo propósito.

A elevação das bases do financiamento comercial do café, foi outro ponto sobre o qual voltamos nossas atenções. Com essa medida, aumentava-se a resistência financeira do cafeeiro, proporcionando-lhe meios de suportar, sem inconveniências, a natural demora da chegada de sua safra ao porto de embarque, que é a praça comercial mais ativa e mais apropriada para a venda de sua produção.

Finalmente, apelamos reiteradas vezes ao governo que abreviasse a votação no Congresso da majoração da taxa de 10 para 25 centes de dólar, por saca exportada, destinada à propaganda do café no exterior, notadamente nos Estados Unidos e Canadá.